

## Entrevista com Plínio de Arruda Sampaio Jr.

---

144

A primeira entrevista desta edição da Revista Fim do Mundo é com o economista, pesquisador e professor Plínio de Arruda Sampaio Jr. “Plininho”, como é carinhosamente conhecido, é professor livre-docente do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (IE/UNICAMP); desenvolve suas pesquisas na área de história econômica do Brasil e teoria do desenvolvimento e dedica-se ao estudo do impacto da globalização capitalista sobre a economia brasileira. É autor de *Entre a nação e a barbárie: dilemas do capitalismo dependente* (1999) e de *Crônica de uma crise anunciada: Crítica à economia política de Lula e Dilma* (2017), e organizador dos livros *Capitalismo em crise: a natureza e dinâmica da crise econômica mundial* (2009); e *Jornadas de Junho: a revolta popular em debate* (2014).

Participou da elaboração dos programas econômicos do PT até 1990, quando coordenou a elaboração do programa da candidatura de Plínio de Arruda Sampaio – seu pai – a governador de São Paulo. Nesse período, colaborou ativamente como assessor econômico da legenda, tendo sido o responsável pela crítica ao Plano Collor no programa nacional do PT. Em 1991, muda-se para França em viagem de estudo, onde fica até 1994. Neste período, Plínio consolida sua visão crítica sobre a sociedade brasileira, afasta-se politicamente da direção do partido que acelerava sua guinada conservadora de acomodação à ordem e reforça sua convicção na organização popular como único meio de superar as mazelas do povo.

De volta ao Brasil, passa a colaborar ativamente com os movimentos sociais, assessorando e organizando cursos de formação junto ao



Movimento dos Sem Terra, Movimento dos Pequenos Agricultores, Movimento dos Atingidos por Barragens, Pastoral Operária, Grito dos Excluídos, Pastorais Sociais, Central dos Movimentos Populares e Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. Crítico dos rumos do governo Lula, durante o Fórum Social Mundial de 2005 rompeu com o PT, junto com centenas de militantes históricos. No mesmo ano, ingressou no PSOL e desde então tem se dedicado à tarefa de reorganização partidária da esquerda socialista.

Nesta entrevista concedida por e-mail ao coordenador-geral do IBEC Paulo Alves de Lima Filho, Plínio falou sobre vida acadêmica, sua candidatura em 2018, reversão neocolonial, conjuntura atual e muito mais.

Como vê sua vida de recém-aposentado após tantos anos de trabalho em uma universidade? Florestan dizia que a ditadura o havia emancipado da escravidão salarial, fato vital em sua vida.

Apesar dos pesares, a vida universitária é enriquecedora. Mesmo assim, a aposentadoria é uma alforria. A maior riqueza de um Homem é poder dispor de seu tempo como bem quiser. Agora, posso organizar minha agenda de estudo e minha militância política com total liberdade.

Haver sido chefe de guerra na luta por tentar eleger-se candidato a candidato do

PSOL à presidência da república, além de muito cansaço, que ensinamentos te trouxe?

Na campanha pela candidatura a presidência pelo PSOL, cumpri o papel de candidato. Foi uma tarefa coletiva que fizemos com muito entusiasmo. Era uma disputa necessária para não deixar passar em brancas nuvens a capitulação do partido ao lulismo. A luta coletiva é sempre enriquecedora. Conheci melhor o partido. Da burocracia, nada se deve esperar. Ela tem todos os vícios da política tradicional. Funciona na pior tradição do mandonismo  
Revista Fim do Mundo, nº 2, mai/ago 2020



brasileiro, como uma verdadeira oligarquia que controla com mão de ferro a vida partidária. Para que tenham uma ideia, o Partido do Socialismo e da Liberdade tem pânico de debate democrático e estigmatiza qualquer projeto político que se atreva a ir além dos parâmetros da ordem. Mas tive também a oportunidade de conhecer melhor a base do partido. É uma rapaziada muito combativa e comprometida com a luta pelo socialismo. Nosso objetivo foi sempre o diálogo com a rapaziada.

*Como avalia a distância existente entre o processo histórico e a percepção teórica da esquerda da ordem?*

A esquerda da ordem tem um diagnóstico absolutamente superficial sobre a magnitude e as consequências da crise capitalista e sobre o caráter de seus impactos sobre a economia e a sociedade brasileira. O PT e seus asseclas levantam o fantasma do fascismo como um risco iminente, mas trabalham de maneira convencional como se o

parlamento desse conta de resolver os gravíssimos problemas de uma sociedade em reversão neocolonial. Não conseguem fazer autocrítica e, por isso, não conseguem olhar para frente. Não entendem que a crise econômica - a desindustrialização - e a crise política - a falência da Nova República - foram encubadas nos treze anos de Lula e Dilma. O Lula Livre é uma palavra de ordem que não resolve nada. O restauracionismo não abre perspectiva alguma para o encaminhamento de uma solução minimamente civilizada para a barbárie capitalista. A esquerda da ordem está presa na miséria do possível.

*Acredita que possamos sair desse impasse em quanto tempo?*

O Brasil não está fora do mundo. A crise brasileira é parte da crise estrutural do capital. Vivemos num capitalismo que, como disse o filósofo István Mészáros, "tampa um buraco, cavando um buraco maior ainda". Enquanto a crise capitalista não



for resolvida, é bem pouco provável que se consiga encaminhar alguma solução para a crise brasileira. Não vejo nenhuma possibilidade de uma solução rápida e indolor para o impasse civilizatório provocado pela crise estrutural do capital. O futuro será de muita luta e sacrifício. A burguesia não consegue resolver nenhum dos problemas fundamentais de nossa época - o desemprego, a desigualdade social, a instabilidade econômica, o racismo, o machismo estrutural, o vazio existencial de uma vida prisioneira do individualismo, a crise ambiental etc. E os trabalhadores estão ainda muito distantes de amadurecer um projeto de sociedade alternativo e apresentar um farol para orientar a luta pela superação do capital.

Como avalia a possibilidade de um salto qualitativo na revolução ora em processo, tal como já ocorrido na contrarrevolução de 1964?

O projeto burguês para o Brasil é uma brutalidade. Trata-se

de transformar nossa sociedade numa megafeitoria moderna. A ponte para o futuro aponta para o século XIX. A aceleração do desmanche da Nação representa uma mudança de qualidade no processo de reversão neocolonial. A turma da marreta não vai deixar nada de pé. É o que estamos vendo em todas as dimensões da sociedade. Evidentemente, as contradições que daí decorrem provocarão forte polarização da luta de classes. Os de baixo resistiram a ofensiva contra suas conquistas civilizatórias. O futuro será marcado pelo acirramento dos conflitos sociais e pela polarização da luta de classes.

Qual o processo agregador das forças opostas à revolução neocolonial em curso?

No momento, as forças contra a ordem encontram-se fragmentadas e sem um plano de luta definido. Elas serão unificadas no processo de resistência e superação da barbárie neocolonial. A necessidade de se contrapor à ofensiva avassaladora do capital contra o trabalho



imporá a unidade na luta como condição para a sobrevivência política das forças anticapitalistas. A exigência de uma alternativa ao modo de produção do capital acabará por definir um projeto alternativo capaz de apontar novos horizontes para as classes trabalhadoras. É no calor da luta que se processará a fusão da luta com a crítica e sua cristalização em organizações políticas que estejam à altura dos gigantescos desafios históricos colocados pela crise estrutural do capital.

*Que setores sociais estariam mais perto de entender a necessidade de luta sem quartel pela revolução dos oprimidos e pela conquista da plena soberania da nação?*

Em termos bem genéricos, a revolução socialista será uma obra das "classes subalternas". Em sociedades de segregação social, como é o caso do Brasil, a luta de classes se polariza entre pobres e ricos, pretos e brancos. Serão as vítimas do capital que abrirão caminho para se ir além do capital. Dentro

*Revista Fim do Mundo, nº 2, mai/ago 2020*

do trabalho, as categorias que ocupam papel estratégico na produção e circulação de mercadorias têm uma importância vital. Sem elas, as revoltas sociais não comprometem o metabolismo do modo de produção.

*Faça uma breve síntese do processo histórico que nos trouxe até este momento.*

Quinhentos anos de história mal resolvida não poderiam terminar bem. O Brasil desperdiçou todas as oportunidades históricas de resolver seus problemas estruturais - a segregação social que envenena a sociedade e o colonialismo que nos deixa à mercê dos interesses do capital internacional. A independência foi feita sem questionar a exploração e a dominação decorrentes de nossa posição subalterna na divisão internacional do trabalho que se organizou em torno do império britânico. A abolição dos negros foi feita dos brancos para os brancos, sem superar a



segregação social. A industrialização ficou à reboque do capital internacional comprometendo definitivamente a possibilidade de construção de um sistema econômico nacional. Por fim, a revolução burguesa terminou como uma contrarrevolução permanente que cristalizou o capitalismo brasileiro como um capitalismo dependente particularmente antissocial, antinacional e antidemocrático. A Nova República não enfrentou nenhuma dessas questões. A transição da ditadura militar para o Estado de direito pelo Colégio Eleitoral institucionalizou a democracia restrita consolidada em 1964. A gigantesca frustração com as promessas vazias da Constituição Cidadã foi às ruas nas Jornadas de Junho de 2013. De lá para cá, assistimos à crise terminal da Nova República. Para

os de baixo, a democracia é inócua porque não resolve seus problemas estruturais. Para os de cima, ela é espúria porque coloca em risco seus privilégios seculares. Repetindo a história imperial, a revolução reacionária tem uma resposta brutal para o impasse brasileiro - a solução liberal-autoritária. Na economia, trata-se de aplicar o ajuste neoliberal, acelerando a reespecialização regressiva da economia brasileira no mercado mundial. Na política, a burguesia busca um meio de substituir a democracia de cooptação da Nova República por alguma forma mais ou menos ditatorial de poder. Por isso, chamaram um capitão do mato, ligado aos aparelhos de repressão das forças armadas e às milícias, para governar o Brasil.

| FIM |

*São Paulo, agosto de 2019*

